

# Portugal e China

**C**OMEMOROU-SE em Lisboa, numa realização conjunta do Fórum Luso-Asiático e do Observatório da China, a relação multissecular de amizade, diálogo e cooperação entre Portugal e a China, dois países que estabeleceram contactos há cerca de cinco séculos; quando era decisivo para Portugal o acesso aos mercados do chá, da prata, da porcelana e as especiarias, existentes nesta parte do mundo.

De um contacto, porventura accidental, na rota das naus portuguesas de Malaca para o Japão, o nosso país foi autorizado a estabelecer um entreposto em Macau e este surgiu assim, mais como porto de arribação de navios em trânsito mais do que território integrado numa lógica de subordinação colonial como era costume em potentes europeus como a Grã-Bretanha, a Espanha, a Holanda, a França ou a Suécia.

Sem que isso estivesse nos planos dos Reis de Portugal essa presença tornou-se permanente e consentida e praticamente até a meados do século XIX um exemplo de "real-politik" no que habitualmente é designado, entre especialistas, por um "sistema de jurisdição dividida" sob a população local. No século XIX, não terá sido de todo bem sucedida a tentativa de reposicionar Macau numa lógica de posse colonial, quer porque as instruções traçadas ao Governador, de então, não resultaram em acções benquistas pelas autoridades mandarins quer porque a perturbação do status quo se provou um exercício temerário que custou a vida a Ferreira do Amaral.

Já no século XX, Portugal e a China encontraram o "justo tempo" para pensarem a questão de Macau, com Salazar a fazer orelhas moucas à actividade de agitação comunista no território, apesar dos despachos da delegação local da PIDE e a China de Mao coibindo-se de transformar o pequeno enclave num caso de afrontamento à dignidade republicana e socialista da República Popular. Já depois da Revolução dos Cravos, os dois países amigos encontraram espaço entre a pressa de alguns responsáveis políticos de Lisboa de se desembaraçarem rapidamente de Macau e o pragmatismo do líder Deng Xiao-Ping de encontrar uma solução hábil para as questões Macau, Hong Kong e Taiwan. Espaço que conduziria ao "justo meio" contido na Declaração Conjunta para "devolver" Macau à China e perpetuar por algum tempo o seu modelo político, económico e social de convivência multicultural.

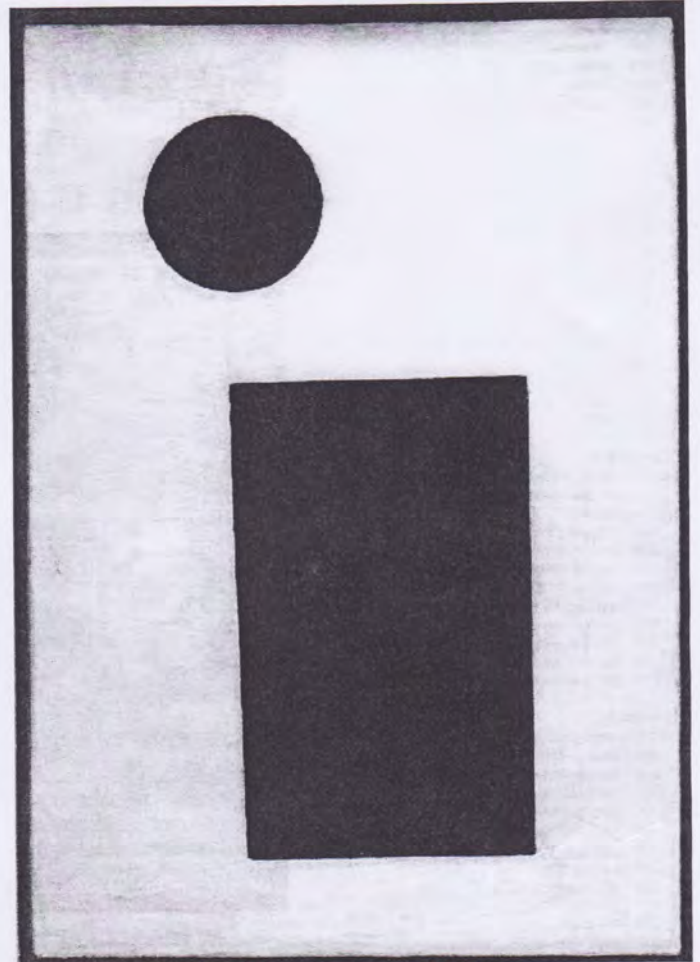
Como eu e o Rui Lourido tivemos a oportunidade de expressar ao público que ocorreu à simpática sala do Museu República e Resistência, à Estrada de

Benfica, resolvida a questão de Macau, com serenidade e estabilidade, ficou a faltar dimensão para dar um novo alento e perspectiva à relação bilateral, apressadamente transformada em "parceria estratégica" por um passo mal calculado. Ao contrário de alguns olhares mais críticos e descontextualizados, a acção dos vários governos de Lisboa que tiveram a responsabilidade de negociar a questão de Macau com as autoridades de Pequim foi responsável, balanceada e no final muito positiva. Não seria possível ter em Macau, depois de 1999, a pequena e laboriosa comunidade portuguesa residente se essa estratégia não tivesse conduzida com sentido de Estado, sob amplo consenso político-partidário e com a determinação, no terreno, das administrações Carlos Melancia e Rocha Vieira de a tornar efectiva.

Olhar a relação bilateral é difícil porque tem havido pouco para se lhe juntar, nem dimensão comercial, nem investimentos cruzados, nem intercâmbio cultural significativo. A bem da verdade, nem Wen Jiabao nem José Sócrates lhe conseguiram aditar algo mais significativo que a congratulação retórica anual da excelência das relações bilaterais, da cordialidade dos olhares mútuos e da forma convergente como Pequim e Lisboa olham para vários problemas da vida internacional.

Posta a questão em termos relativos é salutar que uma década e meia sobre a transferência da administração de Macau para a República Popular da China subsista, na sociedade civil em Lisboa, o interesse em reflectir sobre o significado histórico da nossa presença em terras do Oriente ou como a usar como forma de lançar o "brand" Portugal como destino comercial, turístico, cultural e de lazer do empresariado e da classe média chinesa. Cabe a instituições privadas como o Fórum e o Observatório – longe do fausto de algumas fundações – cumprirem esse papel porventura nostálgico.

Dos governos espero pouco ou nada. Confesso-me muito céptico quanto aos resultados, atento o desempenho e o discurso de sucessivos Ministros dos Negócios Estrangeiros, para não falar em Secretários de Estado com o pelouro da Cooperação tanto de governos socialistas como social-democratas. Seguramente as "visitas de Estado" são importantes e dão parangonas nos jornais portugueses no dia seguinte, mas são vazios em resultados em termos de projectos e oportunidades de negócio. Recordo, com ironia, as gigantescas delegações de empresários que acompanham Chefes de Estado e de governo que chegados a Macau cirandavam entre banquetes e compras de sedas ou jóias nas habituais lojas para os veraneantes portugueses. Saíam pelo cais do jet-foil com anúncios à imprensa de grandes negócios que esqueciam já no avião (fretado) de regresso a Portugal.



Malevich, Supremacia

**Recordo, com ironia, as gigantescas delegações de empresários que acompanharam Chefes de Estado e de governo que chegados a Macau cirandavam entre banquetes e compras de sedas ou jóias nas habituais lojas para os veraneantes portugueses. Saíam pelo cais do jet-foil com anúncios à imprensa de grandes negócios que esqueciam já no avião (fretado) de regresso a Portugal**